



Bom-Crioulo

Adolfo Caminha

Segunda metade do século XIX: Brasil

A época naturalista corresponde, no Brasil, a um período de crise. A extinção do tráfico de escravos, em 1850, acelerara a decadência do sistema econômico baseado no açúcar e colaborou para provocar o deslocamento do eixo de prestígio para o Sul.

A por outro lado, os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro novo para a nação, propício à fermentação de ideias liberais, abolicionistas e republicanas. É um período de mudanças econômicas, políticas e sociais, em que vale ressaltar:

- o enfraquecimento do governo de D. Pedro II e a intensificação dos ideais republicanos;
- uma economia agrária, com a concentração da renda nas mãos dos fazendeiros;
- na década de 70, a entrada de quase duzentos mil imigrantes no país, aumentada, nos anos 80, para quase meio milhão;
- ainda na década de 80, comícios e passeatas de intelectuais e estudantes em prol das campanhas abolicionista e republicana;
- em 1888, a Abolição da Escravatura;
- em 1889, a Proclamação da República;
- o início do processo de modernização da sociedade brasileira, com a dinamização da vida social e cultural, principalmente no Rio de Janeiro, sede do governo. Essa modernização, por sua vez, provocaria:
- um maior desenvolvimento da cultura, com incremento no número de matemáticos, economistas, médicos, historiadores, além dos escritores;
- um clima propício à absorção, pelas artes, das novas ideias vindas da Europa e lá já consolidadas, como o liberalismo, o socialismo e as teorias científicas.

O tema da Abolição e, em segundo tempo, o da República serão o fulcro das opções ideológicas do homem culto brasileiro a partir de 1870. Busca-se absorver os métodos científicos e há uma verdadeira sede de objetividade na arte.

Os mestres dessa objetividade seriam, mais uma vez, os franceses: Flaubert, Maupassant, Zola e Anatole, na ficção; Comte, Taine e Renan, no pensamento e na História. Em segundo plano, os portugueses, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Antero de Quental.

Adolfo Caminha inclui-se entre os autores naturalistas brasileiros, ao lado de Aluísio Azevedo e Inglês de Souza.

Naturalismo: a ciência na literatura

Não é possível falar-se do Naturalismo sem associá-lo ao Realismo. Grande parte da crítica chega mesmo a reconhecer aquele como exagero deste. De qualquer maneira, as duas estéticas caminham juntas na segunda metade do século XIX e muitas vezes se interpenetram, chegando mesmo a confundir-se em algumas características e posicionamentos. É, portanto, natural que se fale, primeiramente, do Realismo-Naturalismo, para depois diferenciá-los.

O Realismo-Naturalismo implica o distanciamento da postura subjetiva para o escritor, que se volta para a realidade exterior e não usa mais sua vida pessoal como ponto de partida para a criação da obra de arte. O interesse, agora, é pelo objeto externo, e não mais pelo sujeito.

Ocorre, assim, o aprofundamento da narrativa de costumes que já se cultivara no Romantismo e que se propõe, a partir daqui, a desnudar as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima, buscando, para ambas, causas naturais ou culturais. É preciso compreender e explicar o mundo real por meio da razão e do conhecimento científico. É necessário o embasamento, o apoio de teorias que auxiliem essa explicação.

Várias foram as correntes científicas que serviram como estofa à obra de arte realista-naturalista. Entre elas, cabe destacar:

- o **Determinismo de Taine**, segundo o qual o Homem — e seu comportamento e, portanto, a Arte — está condicionado a três fatores: a herança (determinismo biológico ou hereditário); o meio (determinismo social ou mesológico) e o momento (determinismo histórico);
- o **Positivismo de Auguste Comte**, que defende a existência da razão e da ciência como fundamentais para a vida humana, pregando uma atitude voltada para o conhecimento positivo, concreto e objetivo da realidade;
- o **Criticismo e o Anticlericalismo de Renan**, que prega uma revisão do papel histórico da igreja católica, apontando-a como "mistificadora da verdadeira fé";
- o **Socialismo "utópico" de Proudhon**, que propõe a organização de pequenos produtores em associações de auxílio mútuo, calcado em ideias antiburguesas e anti-religiosas;
- o **Evolucionismo de Darwin**, que concebia o mundo como um processo de crescimento e de evolução e cuja repercussão provocou enorme revolução em outras ciências, inclusive as sociais.

Esse conjunto de ideias acabou por caracterizar a chamada "geração materialista ou cientificista", assim designada pela semelhança entre as atitudes dos autores e dos cientistas.

O escritor, movido por sua preocupação com a objetividade, tende a compreender o homem — aqui, a personagem — como um "caso" que deve ser analisado à luz da ciência. A intensificação radical da abordagem científica na obra de arte acabaria por conduzir ao Naturalismo, que considera o homem como uma máquina dirigida por leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio social, dirigindo seu interesse, principalmente, para temas da patologia humana e social.

As características comuns ao Realismo e ao Naturalismo podem ser assim esquematizadas:

- objetividade: exame da realidade exterior ao indivíduo, realidade captada pelo artista sem o intermédio da imaginação e do sentimentalismo;
- racionalismo: a inteligência é entendida como único meio para a compreensão da realidade objetiva;
- universalismo, impessoalismo: busca da verdade universal, impessoal, captada pelos sentidos e pela inteligência, e só aceita quando passível de ser testada, examinada, experimentada;
- arte comprometida, engajada: crítica, análise e denúncia da sociedade; preocupação e compromisso com a transformação social;
- contemporaneísmo: arte voltada para o seu próprio tempo, para os problemas de sua época;
- antiburguesismo, anticlericalismo, antitradicionalismo, antimonarquismo;
- preocupação formal: busca de clareza, de equilíbrio, de concisão no estilo, enxuto e limpo;
- lentidão da narrativa: descrições minuciosas, morosas, pormenorizadas das personagens, o que coloca o plano da ação e da narrativa em segundo lugar;
- linguagem predominantemente denotativa, com privilégio da metonímia em detrimento da metáfora;
- exaltação sensorial, linguagem sinestésica: só é verdadeiro o que pode ser captado sensorialmente.

Embora fossem contemporâneos e muitas vezes se tenham "interpenetrado", o Realismo e o Naturalismo apresentaram diferenças no enfoque dado ao tratamento dos assuntos e características próprias.

No Realismo, observa-se a "humanização" das personagens, agora "de carne e osso" e não mais divididas entre heróis incríveis e terríveis vilões. Entre outros, destacam-se os seguintes traços:

- psicologismo: análise psicológica das personagens, esféricas, dinâmicas;
- "humanização" das personagens: a mulher, geralmente adúltera e pecaminosa; o homem, fraco e covarde;
- enfoque da burguesia como classe social;
- fotografia objetiva da realidade;
- romance de "interpretação aberta", deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

Já o Naturalismo promove, muitas vezes, a "zoomorfização" das personagens, degradadas à categoria de animais sem drama moral, movidos por instinto. Vale destacar as características a seguir:

- abordagem científica da sociedade e dos atos humanos, com o privilégio dos aspectos doentios, patológicos, defeituosos e o afastamento do psicologismo e da profundidade realistas, a fim de examinar o plano científico e biológico;
- personagens degradadas, párias da sociedade, vistas como "produto da raça e do meio", não raro sublevadas à categoria animal, agindo por instinto, num processo conhecido como *zoomorfização* das personagens, através de comparações entre o homem e o animal;
- exame das classes inferiores, do proletariado, dos marginalizados;
- enfoque dos aspectos torpes e degradantes da realidade;
- romance de tese, experimental, calcado na experimentação científica, com preocupação social e política.

Adolfo Caminha: um autor naturalista

Adolfo Caminha é um autor naturalista e, portanto, um escritor para quem a personagem serve como elemento de análise científica, de observação, e está intrinsecamente vinculada aos fatos que vivencia. Geralmente tem mau caráter, herança inevitável determinada pela hereditariedade ou pelo meio em que vive.

A concepção que o artista tem das personagens que cria é, assim, científica: o homem é um produto das circunstâncias e não pode fugir a elas.

Em *Bom-Crioulo* Adolfo Caminha segue fielmente essa concepção; resulta daí a inexorabilidade da tragédia nas vidas de Amaro e Aleixo, e o crime de natureza passional que fecha o enredo.

Adolfo Caminha nasceu em Aracati, no Ceará, em 29 de maio de 1867, e morreu no Rio de Janeiro, em 1º de janeiro de 1897. Órfão de mãe aos dez anos, foi uma pessoa de frágil compleição física e sofreu a seca de 1877, tendo-se mudado para Fortaleza por causa dela.

Transferiu-se mais tarde para o Rio de Janeiro, onde cursou, graças à ajuda de um parente, a Escola de Marinha, saindo como guarda-marinha em 1885. Nessa atividade naval conheceu as Antilhas e os Estados Unidos, viagem que lhe proporcionou assunto para escrever um livro de crônicas: *No país dos ianques*, de 1894.

É promovido a segundo-tenente e retorna à terra natal, de cuja vida intelectual passa a participar ativamente, tendo sido membro-fundador do Centro Republicano Cearense. Envolvido num escandaloso caso de adultério com a esposa de um oficial do Exército, é punido e sofre muitos constrangimentos sociais. Vê-se forçado a dar baixa na Marinha e começa a trabalhar na Tesouraria da Fazenda, sendo nomeado amanuense do Tesouro em Fortaleza. Apesar das limitações sociais a que se obriga agora, continua participando ativamente da vida literária local, e trabalha na "Livreria Espiritual", instituição que agregava os escritores naturalistas; funda a *Revista Moderna* e trabalha no jornal *O Pão*.

Transferido para o Rio de Janeiro em 1892, passa a dedicar-se ao jornalismo, à crítica literária e aos seus livros, publicando o melhor de sua obra: *A normalista* (1893), *Bom-Crioulo* (1895) e *Tentação* (1896), além de um volume de crítica literária, *Cartas literárias* (1895).

A literatura representou, para o naturalista Adolfo Caminha, a arma de que necessitava para denunciar a sociedade hipócrita de seu tempo. Tal ousadia custou-lhe caro: foi ignorado pela crítica e seu reconhecimento como homem das letras é fato relativamente novo. Morreu aos 29 anos, atacado pela tuberculose, doença incurável à época.

O enredo

O enredo de *Bom-Crioulo* baseia-se num fato real, que causou escândalo no Rio de Janeiro, no século XIX, e enfoca a questão da escravidão através de uma abordagem abolicionista e republicana. Atende, assim, à postura de engajamento proposta pela estética naturalista: o compromisso com a análise, a crítica e a denúncia social.

A crítica e a denúncia se fazem principalmente por meio dos problemas vividos pelo protagonista, Amaro, que é marginalizado por uma estrutura social injusta, preconceituosa e hipócrita devido à sua cor.

Narrada em terceira pessoa, a ação tem início com uma descrição, obedecendo ao que preceitua a estética naturalista:

"Marinheiros conversavam à proa, sentados uns no castelo, outros em pé, colhendo cabos ou estendendo roupa ao sol, tranquilamente, esquecidos da faina. As chapas dos mastros, a culatra das peças, varais de escotilha, tudo quanto é aço e metal amarelo reluz fortemente, encandeando a vista."

Depois de apresentado o cenário, é a vez de as personagens entrarem em ação: o comandante manda subir os presos que serão castigados. Entre eles, um rapaz ainda imberbe, com ares de adolescente, Herculano, que vai sofrer o castigo por ter sido flagrado, enquanto se masturbava, por um mulato esperto:

"Tinham-no encontrado sozinho, junto à amurada, em pé, a mexer vigorosamente com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados."

Chamado pelo mulato, o Sant' Ana deu o flagrante, o que provocou uma briga entre ele e Herculano. Por causa dessa briga, os dois vão ser castigados. O comportamento de ambos é diferente: Herculano aceita seu castigo sem reclamar, enquanto Sant' Ana tenta safar-se, justificando-se em vão:

"[...] Ele não teve jeito senão suportá-las, uma a uma, porque de nada lhe serviam os gritos, as súplicas e as lágrimas...

[...]

Nenhum frêmito de comoção na marinhagem, testemunha habitual daquelas cenas que já não logravam produzir efeitos sentimentais, como se fora a reprodução banal de um quadro muito visto."

É a vez do terceiro preso a ser castigado: trata-se de Amaro, o protagonista do romance, mais conhecido como Bom-Crioulo. Em uma retrospectiva posterior, o leitor saberá que ele é um ex-escravo que se tornara hábil marinheiro, dedicado ao trabalho, vendo na pesada atividade uma situação muito melhor que antes: afinal, era livre e:

"[...] a disciplina militar, com todos os seus excessos, não se comparava ao penoso trabalho da fazenda, ao regime terrível do tronco e do chicote."

Além disso,

"[...] ali não se olhava a cor ou a raça do marinheiro: todos eram iguais, tinham as mesmas regalias ..."

Seu relacionamento com os superiores e os companheiros refletia, a princípio, essa boa disposição, e ele logo conquistara a todos, sendo por isso chamado de "Bom-Crioulo" pelos próprios oficiais.

Extremamente forte no físico — era admirado por todos pelos seus músculos —, Amaro é proporcionalmente fraco no aspecto moral: quando bebe demais, torna-se briguento, agressivo e provocador:

"Quando havia conflito no cais Pharoux, toda a gente já sabia que era o Bom-Crioulo às voltas com a polícia. Reunia povo, toda a população do litoral corria enchendo a praça, como se tivesse acontecido uma desgraça enorme [...]"

O motivo de sua prisão neste momento não era, no entanto, a bebida: Amaro esmurrara violentamente um segunda-classe que maltratara Aleixo, "um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se coisas".

Punido com cento e cinquenta chibatadas, Bom-Crioulo não solta sequer um gemido durante o castigo: está intimamente satisfeito por acreditar que isso vai ajudá-lo a conquistar Aleixo "como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro."

O narrador faz uma retrospectiva e volta no tempo para informar o passado de Amaro: era um escravo fugido que, com mais ou menos dezoito anos, fora recrutado como marinheiro. Tinha gostado da vida de homem do mar, sobretudo pela sensação de liberdade que ela lhe proporcionava:

"[...] Ali ao menos, na fortaleza, ele tinha sua maca, seu travesseiro, sua roupa limpa, e comia bem, a faltar, como qualquer pessoa, hoje boa carne cozida, amanhã suculenta feijoada, e, às sextas-feiras, um bacalhauzinho com pimenta e 'sangue de Cristo' ... Para que vida melhor? [...]"

Na primeira vez que embarcara tinha-se comportado como um marinheiro zeloso, atento e cumpridor de suas tarefas, chegando até, aos trinta anos, a trazer "gola de marinheiro de segunda classe". Mas aos poucos se tornara negligente e indisciplinado, provocando a impaciência dos oficiais e comentários dos companheiros, que ora atribuíam à cachaça, ora ao caso com Aleixo a sua desatenção com o trabalho:

"Diziam uns que a cachaça estava a perder 'o negro'; outros, porém, insinuavam que Bom-Crioulo tornara-se assim dès que se metera com o Aleixo, o tal grumete, o belo marinheiro de olhos azuis, que embarcara no sul. [...]"

Amaro estava, efetivamente, apaixonado pelo adolescente de quinze anos e totalmente dominado por essa paixão:

"[...] essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho."

Essa é a razão por que Amaro esmurrara o tal segunda-classe: mostrar sua força para Aleixo, defendê-lo como se defenderia uma mulher. Antes, ao voltar do sul, já se comportava como a maioria dos marinheiros, falando mal dos oficiais, desdenhando as ordens. Ao ser castigado por um comandante, Varela, tornara-se ainda mais preguiçoso e negligente e passara a alimentar ressentimentos e raivas.

Termina a retrospectiva e a narrativa volta ao presente. Os três marinheiros já haviam sofrido seu castigo, e agora todos na embarcação se sentem felizes pela volta a terra. Todos, menos Amaro:

"Era Bom-Crioulo, o negro Amaro, cujo espírito debatia-se, como um pássaro agonizante, em torno dessa única ideia — o grumete Aleixo [...]"

Amaro se desespera: que faria, ao retornar a terra? Sente um irresistível desejo de ter Aleixo ao seu lado, estar com ele... Corteja-o, dando-lhe um espelinho para que ele se veja e sinta como é bonito. Embora disfarce, Aleixo fica lisonjeado e orgulhoso e, orientado por Bom-Crioulo, passa a arrumar-se melhor. Num domingo, Amaro não resiste e propõe a Aleixo morarem juntos quando voltarem a terra. Envaidecido e grato pela proteção do outro, Aleixo, nesse mesmo dia, à noite, cede aos seus desejos sexuais:

"[...] lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênua de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse — uma vaga distensão dos nervos [...]"

— Ande logo! Murmurou apressadamente, voltando-se.

E consumou-se o terrível delito contra a natureza."

Amaro fica realizado: entende que só num homem poderia encontrar aquilo que tanto procurara, em vão, nas mulheres. No dia seguinte, chegam ao Rio de Janeiro. Ao anoitecer, os dois desembarcam e vão para a casa de uma portuguesa, D. Carolina, amiga de Amaro desde que ele a salvara de um assalto, a qual

conhecera a riqueza e tivera muitos homens, mas adoecera e sofrera muito. Tinha uma casa de alugar cômodos, da qual vivia e que lhe asseguraria a velhice, já que seu amante açougueiro contribuía com pouco dinheiro.

Amaro e Aleixo passam a morar em um quarto alugado da portuguesa D. Carolina.

Os dois cumprem o trabalho a bordo e voltam a terra duas vezes por semana; transcorre quase um ano, sem que seu relacionamento sofra "o mais leve abalo."

Cada vez mais tomado pela paixão, Bom-Crioulo, nessa fase, exige do amante excessos e extravagâncias sexuais, às quais Aleixo cede, muitas vezes de mau grado.

Os dois e D. Carolina formam praticamente uma família.

Com a embarcação parada, Amaro passa mais tempo em terra; seu desejo por Aleixo já não é tão febril e a vida é mais calma entre eles. Tão regular, que D. Carolina até chega a brincar, insinuando que qualquer dia os dois terão filhos:

"O grumete, por sua vez, trazia a alma na perpétua alegria dos que não têm cuidados. Em terra ou a bordo, não tinha de que se queixar: andava sempre limpo, ninguém o via deitado no convés ou emporcalhando-se de alcatrão à proa."

Amaro é transferido para outro navio, um couraçado, onde há "um horror de trabalho" e sente profunda revolta contra seus superiores. Tem agora apenas uma folga por mês, devido à sua fama de briguento e indisciplinado. Enquanto isso, D.

Carolina sente por Aleixo uma irresistível atração e decide seduzi-lo, o que acaba por conseguir. Na verdade, durante a ausência de Bom-Crioulo, D. Carolina empreendera um verdadeiro processo de sedução de Aleixo, até que um dia o ataca realmente.

Aleixo gosta da experiência e pensa que seria uma felicidade nunca mais ver "o negro":

"Mas Aleixo sabia, por Bom-Crioulo, até onde chega a animalidade humana e, passado o primeiro momento de surpresa, sentiu que também era feito de carne e osso, como o negro, e D. Carolina — Valia a pena decerto uma noite como aquela!"

Insatisfeito e revoltado no couraçado, Amaro sonha desertar e fugir com o amante.

Acaba valendo-se de um expediente para rever Aleixo: oferece-se para remar no escaler que fará compras e, ao desembarcar, alegando uma desculpa, foge até seu quartinho em casa de D. Carolina. Encontra tudo em desordem e desconfia; Aleixo não está e D. Carolina mente, dizendo que o moço quase não tem aparecido.

Amaro sai para comer e arranja confusão; vai preso para o navio e é chicoteado e levado para um hospital. Impossibilitado de rever o amante, alimenta terrível ciúme durante o período de internação. Manda-lhe um bilhete, pedindo que venha visitá-lo, e nada. Acaba sabendo, por um marinheiro, do caso entre Aleixo e D. Carolina:

"Amigado, o Aleixo! Amigado, ele que era todo seu, que lhe pertencia como o seu próprio coração; ele, que nunca lhe falara em mulheres, que dantes era tão ingênuo, tão dedicado, tão bom!"

Amaro sai do hospital e vai à procura de Aleixo. A porta do sobrado está fechada, mas Amaro confirma toda a história com um empregado da padaria vizinha.

Aleixo sai do sobrado e Bom Crioulo vai ao seu encontro; os dois discutem, Amaro o acusa e demonstra seu ciúme violentamente. Forma-se um círculo em volta dos dois. D. Carolina, chegando à janela por causa do barulho, grita: acabara de ver Aleixo ensanguentado, "levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta." As pessoas querem ver o corpo, numa "irresistível atração, uma ânsia!", e não se importam com o outro,

"[...]com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, todos queriam 'ver o cadáver', analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...

Mas, um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, té cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém."

As personagens principais

- **Amaro:** personagem-título, é o protagonista da história. Ex-escravo, é convocado pela Marinha e no início se sai muito bem, graças ao seu bom comportamento, sua valentia e sua força física. Quando não bebe, é o Bom-Crioulo; embriagado, torna-se violento e agressivo. A narrativa inicia-se quando Amaro tem trinta anos e ainda não conseguira realizar-se com mulher alguma. Só resolve sua frustração sexual com o jovem grumete Aleixo.
- **Aleixo:** grumete, jovem — praticamente adolescente, aos quinze anos —, belo, de olhos azuis, é seduzido por Amaro, que se apaixona loucamente por ele e acaba matando-o quando é trocado por uma mulher.
- **D. Carolina:** portuguesa, cerca de quarenta anos, tem uma pensão em seu sobrado. É inicialmente amiga de Amaro, que salva a vida dela em um assalto, mas depois se torna sua rival, seduzindo Aleixo.
- **Herculano:** marinheiro retraído, solitário, é castigado no primeiro capítulo, ao ser pego em flagrante masturbando-se.
- **Santana:** marinheiro castigado por ter sido pego brigando com Herculano. Era gago, manhoso e chorava com facilidade.

O foco narrativo

Bom-Crioulo é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente e impessoal, como acontece em obras naturalistas. Registra-se, por outro lado, a ocorrência do monólogo interior das personagens, o que enfatiza o seu estado emocional. Esse recurso possibilita ao leitor a apreensão do verdadeiro estado de espírito da personagem e também a compreensão das diferenças entre os sentimentos e as atitudes.

Os discursos empregados pelo narrador são, principalmente, o discurso direto e o indireto livre, com menor incidência para o discurso indireto, já que este distancia a fala das personagens.

O tempo

Predomina o tempo cronológico, conquanto haja *flash back*, por exemplo, quando o narrador resgata o passado de Amaro. O tempo da fábula coincide com o momento da escritura da obra: a segunda metade do século XIX. Tal expediente atende à proposta contemporaneísta da corrente realista-naturalista.

O espaço

O Rio de Janeiro é a demarcação geográfica em que se desenvolve a ação. Destacam-se dois tipos principais de espaço: o aberto e o fechado.

O espaço aberto — o mar —, que não pertence a Amaro, contrasta com o quatinho restrito e sórdido que lhe serve de moradia e em que ocorrem as mazelas de uma vida promíscua com seu companheiro Aleixo. As condições miseráveis do ambiente vêm acrescentar um dado importante na visão naturalista: homem e meio intrinsecamente ligados.

Atividades

1. "Ao pensar nisso Bom-Crioulo transfigurava-se de um modo incrível, sentindo ferrear-lhe a carne, como a ponta de um agrilhão, como espinhos de urtiga brava, esse desejo veemente — uma sede tantálica de gozo proibido, que parecia queimar-lhe por dentro as vísceras e os nervos..."

No fragmento acima, de Bom-Crioulo, observam-se principalmente três características do Naturalismo, a estética à qual a obra se filia. Quais são elas?

Texto para as questões de 2 a 5:

"— sabe por que vai ser castigado?

— sim senhor.

Estas palavras, Bom-Crioulo proferiu-as num tom resolvido, sem o mais ligeiro constrangimento, firmando o olhar, atrevidamente, nos galvões de ouro daquele oficial. (...)"

O fragmento acima refere-se ao castigo corporal que Amaro, o Bom-Crioulo, sofre, logo no início da narrativa. Com base nesse episódio, responda às próximas questões:

2. Por que Bom-Crioulo está sendo castigado?
3. Além de Amaro, outros dois marinheiros são castigados nessa mesma ocasião. Quem são eles?
4. Qual é o motivo do castigo sofrido por esses dois marinheiros?
5. Quais as consequências da punição e do comportamento de Amaro, ao sofrê-la, para o relacionamento entre ele e Aleixo?
6. Após consumir-se, no romance, o que o narrador chama de "delito contra a natureza", Aleixo e Amaro acabam indo morar juntos, em terra na casa de D. Carolina. Caracteriza essa personagem.
7. "E daí a pouco largava um escaler sem flâmula, conduzindo o marinheiro para o hospital."

Por que Bom-Crioulo foi hospitalizado? O que lhe aconteceu?

8. Relacione o tipo de tempo que predomina na narrativa de *Bom-Crioulo* à estética naturalista.
9. "Ninguém se importava com 'o outro', com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, todos queriam 'ver o cadáver', analisar o ferimento, meter o nariz na chaga..."

O trecho acima constitui o penúltimo parágrafo do romance *Bom-Crioulo*. Relacione-o ao desfecho da narrativa e aos cânones naturalistas.